

## A MODIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO COMO FATOR DE REDUÇÃO DO MEDO, DA VIOLÊNCIA E DA CRIMINALIDADE: O CASO DA URBANIZAÇÃO DA FAVELA DO SACADURA CABRAL (SANTO ANDRÉ, SP)<sup>1</sup>

*PAULA, Marcelo Cortez Ramos de*<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho discute a possibilidade de redução do medo, da violência e do crime em decorrência da modificação do espaço urbano. A pesquisa teve por objeto os moradores da Favela de Sacadura Cabral, em Santo André, SP, em face da urbanização que ocorreu naquele local a partir de 1998. Foram realizadas visitas à favela, captação de imagens, entrevistas com moradores, policiais militares e autoridades policiais, levantamento de dados estatísticos, além de pesquisa bibliográfica. Ao final, restou evidenciado que a organização do espaço urbano, em razão da urbanização, exerceu efeitos positivos sobre a percepção do medo por parte dos moradores, em que pese não se ver acompanhada, necessariamente, de redução dos indicadores criminais.

**Palavras-chave:** Geografia do crime. Paisagens do Medo. Favela.

**Abstract:** This paper discusses the possibility of reducing the fear of violence and crime due to the modification of the urban space. The research had as its object the slum dwellers of Sacadura Cabral, Santo André, SP, in the face of urbanization that occurred at that location since 1998. Visits were made to the slum, shooting, interviews with residents, police and military police, of statistical data, and literature. In the end, remains evident that the organization of urban space, due to urbanization, exerted positive effects on the perception of fear by the residents, despite not seeing accompanied necessarily reduce crime rates.

**Keywords:** Military Police. Geography of crime. Landscapes of Fear.

O presente trabalho se desenvolveu com a perspectiva de captar, no espaço denominado Favela de Sacadura Cabral, em Santo André, variações positivas nos indicadores objetivos e subjetivos de medo, violência e crime decorrentes do processo de urbanização daquela favela.

Assim, compartilhando os postulados da moderna Criminologia (MOLINA;

---

<sup>1</sup> Artigo produzido para a disciplina Geografia do Crime, Curso Superior de Polícia do CAES \_Centro de Altos Estudos de Segurança da PMESP.

<sup>2</sup> Major PM, doutorando do Curso Superior de Polícia do CAES – PMESP.

GOMES, 2002, pp. 66-67) – que se pauta na consideração de que o crime é um fenômeno decorrente de inúmeras variáveis, inclusive o espaço físico adequado (FELIX, 2001, p. 3) – partimos da hipótese de que a urbanização da Favela de Sacadura Cabral (ocorrida entre 1998 e 2003) possa ter proporcionado não só a diminuição dos crimes naquele espaço, mas, também, a modificação da sensação de medo das pessoas que o habitam.

### **Situando o problema: medo, violência e crime e sua relação com a cidade**

Embora o crime e a violência sejam vistos como fatos universais e, até mesmo, modos pelos quais uma sociedade se manifesta (DA MATTA et al., 1982, p. 15), o estudo sobre esses fenômenos é relativamente recente em nossa civilização. Segundo ADORNO (2002, p. 107), no Brasil, o debate sobre violência e o crime data dos anos 1970, na esteira do debate suscitado pela esquerda em torno dos Direitos Humanos.

Mais recentes ainda, são as abordagens que situam o fator espacial como um dos que corrobora para a produção do crime e da violência. Na conclusão de sua *Ecologia do Crime*, publicada originalmente em 1978, COELHO (2005, p. 224) se refere à carência de estudos desse tipo.

Todavia, “há consenso de que esta violência começou a aumentar com o fenômeno da metropolização (grande concentração humana nas cidades)” (FELIX, 2002, p. iii). Nas palavras de ZALUAR (1999, p. 215), as cidades “[...] têm hoje suas imagens tomadas pela deterioração da qualidade de vida urbana, da qual o temor da vitimização (tanto quanto a experiência direta) é um dos indicadores.” Por outro lado, o oposto também se verifica – nos levando a considerar a existência de um processo autopoietico: a violência e o medo transformam as cidades (CALDEIRA, 2003, p. 9; FELIX, 2002, p. 80), que, transformadas, geram mais medo (BAUMAN, 2003, p. 40).

Dessa forma, embora seja certo que “nenhum estudo sério da criminalidade pode desconsiderar os processos sócio-políticos, os conflitos de classe, os comportamentos” (FELIX, 2002, p. 77; MESQUITA NETO, p. 29), também é certo, que não há mais como pensar em políticas de prevenção do crime e da violência, prescindindo da análise de aspectos como: a organização do espaço urbano, a desagregação sócio espacial, as Paisagens do Medo (TUAN, 2005), entre outros temas ligados à Geografia do Crime (Cf. FELIX, 2002, p. 60) <sup>3</sup>

Essa interdependência de fatores é demonstrada, sob outro ponto de vista – o da planificação urbana –, nas palavras de Milton Santos (2005, pp. 125-6):

A planificação urbana, entretanto, é, sobretudo, voltada para os aspectos da cidade cujo tratamento agrava os problemas, em vez de resolvê-los, ainda que, à primeira vista, possa ficar a impressão de resultado positivo.

---

<sup>3</sup> Todavia, é preciso ressaltar que as análises que se processam no âmbito da Geografia do Crime também são limitadas. Em estudo desenvolvido com a proposta de discutir a relação entre violência e espaço urbano, Oliveira et. al. (2004) concluíram que não é possível definir a violência apenas com base nos aspectos materiais ou espaciais da cidade, sugerindo “[...] que o fenômeno urbano seja visto como problema-cruzamento das questões econômicas, sociais, simbólicas e subjetivas, uma vez que a violência não tem fronteiras geográficas.” (OLIVEIRA et. al., 2004, p. 98).

Trata-se de planificação sobretudo técnica, preocupada com os aspectos singulares e não com a problemática global, planificação mais voltada para o chamado desenvolvimento econômico, quando o que se necessita é de uma planificação sociopolítica que esteja, de um lado, preocupada com a distribuição de recursos sociais e, de outro, consagre os instrumentos políticos de controle social, capazes de assegurar a cidadania plena.

Nesse contexto, a discussão sobre a violência e a criminalidade nas favelas ganha contornos bastante expressivos. Afinal, entre os discursos que associam locus e violência, aqueles que se referem às favelas parecem ser os mais frequentes. Nas palavras de ZALUAR (1999, p. 8):

Lugar do lodo e da flor que nele nasce, lugar das mais belas vistas e do maior acúmulo de sujeira, lugar da finura e da elegância de tantos sambistas, desde sempre, e da violência dos mais famosos bandidos que a cidade conheceu ultimamente, a favela sempre inspirou e continua a inspirar tanto o imaginário preconceituoso dos que dela querem se distinguir quanto os tantos poetas e escritores que cantaram suas várias formas de marcar a vida urbana do Rio de Janeiro.

A literatura demonstra, ainda, que essa associação favela-violência repercute em seus moradores, convolvendo-se em relação favelado-violência. A partir de um estudo sobre julgamentos no tribunal do júri na cidade do Rio de Janeiro, Rinaldi demonstrou a representação social da categoria favelado: “Favelado continua sendo ‘marginal’, e os que não confirmam a regra são exceção.” (1999, p. 318).

Afora essas visões preconceituosas – que acabamos de demonstrar por meio das observações de Zaluar e de Rinaldi –, os dados demonstram que a realidade das favelas é de extrema violência. Em boa medida, esse quadro pode ter suas causas encontradas no déficit de cidadania e governabilidade, que marcam a vida dos moradores das periferias, carentes dos direitos sociais básicos (HUGHES, 2004, p. 94).

Por outro lado, a violência que grassa nas favelas se explica também pelo fator ambiental. Segundo FELIX (2002, p. 56), “é inegável que a qualidade do ambiente reflete as características de seus habitantes e, por extensão, as manifestações criminais” e, com isso, “[...] tem-se um comportamento criminal bem característico: bairros de classe alta, crimes contra a propriedade. Bairros de classe baixa, crimes violentos.” (Ibidem, p. 56). Assim também o pensamento de Adorno, que afirma:

[...] não há como deixar de reconhecer relações entre a persistência, na sociedade brasileira, da concentração da riqueza, da concentração de precária qualidade de vida coletiva nos chamados bairros periféricos das grandes cidades e a explosão da violência fatal (ADORNO, 2002, p. 112).

No nosso sentir, MARICATO (1995, p. 46), expressa bem a tensão às vezes existente entre os que recusam as explicações ecológicas e os que nela veem uma contribuição importante para a explicação da violência urbana. Respondendo a autores que contestam o conceito “violência urbana”, por entenderem que ele confere equivocadamente ao fator espacial o status de causa da violência, Maricato considera:

Se o conceito de violência urbana não satisfaz porque permite ocultar a real fonte dos conflitos, ignorar o ambiente construído como parte integrante da sociedade que produz essa violência (e também esse espaço discriminatório), também não satisfaz (MARICATO, 1995, p. 46. Destaques no original).

Com enfoque na cidade de São Paulo, HUGHES (2004, p. 101) jogou luzes sobre os efeitos dos programas sociais para a redução da violência, demonstrando que as quedas nas taxas de homicídios foram maiores nos distritos que contam com programas sociais já implementados – programas esses que envolvem a mudança do espaço de convivência urbana.

Enfim, as considerações são capazes de traduzir o contexto dentro do qual este trabalho se desenvolveu. Um contexto ainda conturbado, marcado pela discussão, por oposição de pensamentos, por dados empíricos muitas vezes frágeis. Mas, sem dúvida, um contexto que, a despeito disso, se fortalece cada vez mais, diante do aperfeiçoamento dos métodos de coleta de dados, que têm permitido conferir maior solidez às análises que buscam associar o crime aos fatores espaciais em que ele tem lugar.

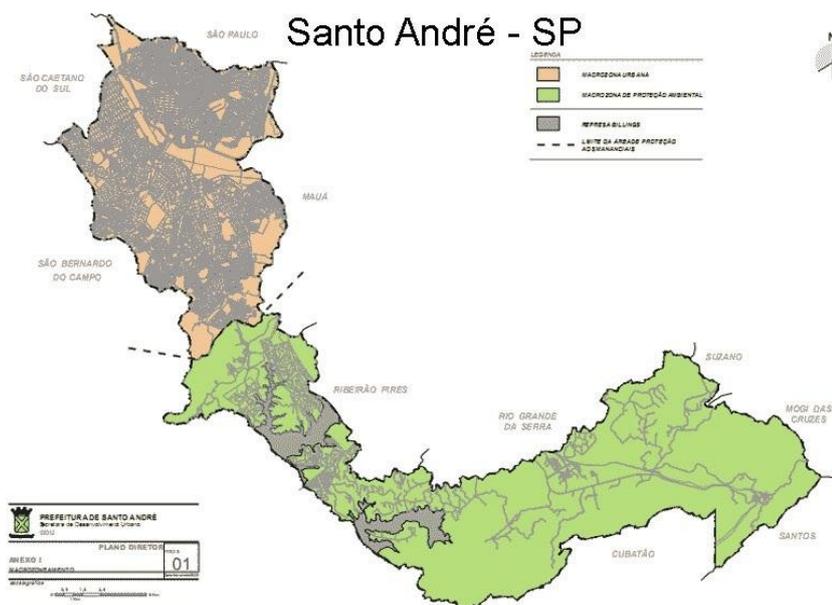
## **Situando o problema: a Favela de Sacadura Cabral**

### 1. A cidade de Santo André

Situado na Grande São Paulo, mais exatamente no chamado Grande ABC<sup>4</sup>, o município de Santo André possui uma área de 174,83 Km<sup>2</sup>, ao longo da qual se distribuem 678.957 habitantes (SEADE, 2011). São vizinhos seus, conforme podemos observar no Mapa 1, os municípios de São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo, Cubatão, Santos, Mogi das Cruzes, Rio Grande da Serra, Suzano, Ribeirão Pires, Mauá e São Paulo.

---

<sup>4</sup> Compreende os municípios de Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.



**Fonte:** Prefeitura de Santo André  
**Mapa 1 –** Santo André e Municípios vizinhos

Embora o ano de fundação da cidade de Santo André seja 1938, desde 1550 a sua região é habitada. Data desse ano a construção da capela de Santo André, erguida por João Ramalho. Em 1553, é instalada a Primeira Câmara Municipal da Região, em face da outorga do título de Vila de Santo André da Borda do Campo ao povoado, por Tomé de Souza (BAIERL, 2004, p. 83).

Como quase todo o ABC, a cidade de Santo André experimentou um crescimento populacional expressivo na década de 1970, em especial por causa do estabelecimento de indústrias automotivas na região. No espaço de uma década (1960-1970), a população dobrou, aumentando, ainda, o mesmo tanto, nas duas décadas seguintes – conforme podemos verificar na Tabela 1, abaixo:

**Tabela 1 -** Evolução da população residente: Brasil, Estado de São Paulo, Grande São Paulo, Região Grande ABC e Santo André nos anos de 1960, 1970, 1980 e 1991.

REGIÕES	1960		1970		1980		1991	
	fa	%	fa	%	fa	%	fa	%
Brasil	70.070.457	0,35%	93.139.037	0,45%	119.002.706	0,46%	146.868.808	0,42%
Estado de S. Paulo	12.809.231	1,91%	17.771.948	2,36%	25.040.698	2,21%	31.548.008	1,96%
Grande S. Paulo	4.791.245	5,12%	8.139.730	5,15%	12.588.725	4,39%	15.417.637	4,00%
Grande ABC	504.416	48,60%	988.677	42,36%	1.652.781	33,46%	2.048.674	30,12%
Santo André	245.147		418.826		553.072		616.991	

**Fonte:** PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ, 2007, p. 44.

Apesar do incremento populacional, a Tabela 1 também demonstra que, ao longo das últimas décadas, a população andreense sofreu um encolhimento relativo, quando comparada com o crescimento das populações do Grande ABC, da Grande São Paulo, do Estado de São Paulo e do Brasil. Trata-se de fenômeno que se explica em face do

processo de redistribuição econômica por que passa o país e o Estado de São Paulo, em face do aparecimento de novos polos econômicos (SÃO PAULO, 2011, pp. 28-30).

O empobrecimento da cidade – que, entre 1980 e 2001 viu seu PIB ser reduzido de cerca de 6 bilhões de reais para 3,6 bilhões – refletiu-se no aumento da população residente em favelas, que sofreu um acréscimo de 3,78% ao ano, entre 1991 e 1996 (LARANJEIRA, 2003, p. 9).

No plano da habitação, esse processo de empobrecimento refletiu-se no aumento da população residente em favelas. Segundo dados do IBGE, entre 1996 e 2000, o número de moradores em favelas em Santo André cresceu 9% – o maior porcentual dentre as cidades do ABCD (BLANCO JR., 2006, p. 108). Em números de 2008, a quantidade de domicílios em favelas na cidade de Santo André passa dos 20.000, distribuídos em 99 favelas, conforme pode ser observado na Tabela 2, a seguir:

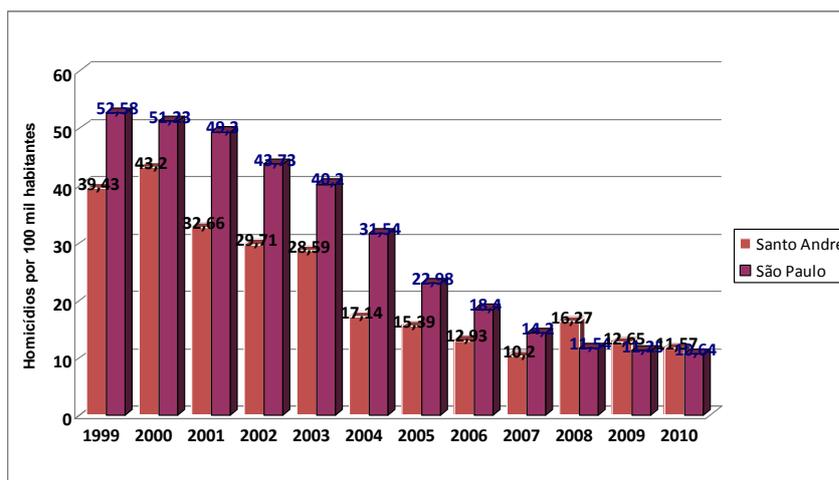
**Tabela 2 - Indicadores Gerais dos Assentamentos precários Classificados segundo a situação atual - Santo André, 2006-2008**

<i>Situação Atual</i>	<i>Nº de Assentamentos</i>			<i>Nº de Domicílios</i>		
	<i>2006</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2006</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>
Favelas	99	99	98	20.216	20.776	20.071
Núcleo Habitacional Regularizado	24	24	25	1.740	1.740	1.755
Núcleo Habitacional	18	18	21	5.474	5.474	7.467
Integrado	1	1	1	847	847	934
Loteamento irregular	8	8	4	586	534	392
<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>150</b>	<b>149</b>	<b>28.863</b>	<b>29.371</b>	<b>30.619</b>

**Fonte:** PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ, 2007, p. 167

Atualmente, Santo André se posiciona entre as 100 melhores cidades do Brasil, ranqueadas de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), encontrando-se em 98º lugar, com IDH de 0,835 (PNUD, 2000). Se levarmos em conta o Índice Paulista de Responsabilidade Social (IRPS), calculado pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), verificaremos que, nas edições do IRPS de 2006 e 2008, Santo André classificou-se no Grupo 1 do índice – que engloba os municípios com bons indicadores de riqueza, longevidade e escolaridade (SEADE, 2011).

Em relação aos indicadores criminais, se tomarmos por referência a taxa de homicídios (quantidade de homicídios/100 mil habitantes), verificaremos que, no período entre 1999 e 2010, os números da cidade de Santo André apresentam uma curva evolutiva bastante semelhante à da cidade de São Paulo, mas com valores abaixo daqueles ostentados pela capital – conforme demonstra o gráfico 1 a seguir:



Fonte: SSP/SP

**Gráfico 1 Comparação da evolução da Taxa de homicídios nas cidades de Santo André-SP e São Paulo-SP, 1999-2010**

Do ponto de vista político, importa salientar que, durante as duas últimas décadas, a administração da cidade foi predominantemente do Partido dos Trabalhadores, primeiro com Celso Daniel (1997 a 2000 e 2001 a 20025) e, depois do falecimento deste, com João Avamileno (2002 a 2004 e 2005 a 2008). Por conta disso, verifica-se uma forte presença de ações que se propõem destinadas ao resgate da cidadania.

É nesse contexto político que, em 1997, a prefeitura de Santo André lançou o Programa Integrado de Inclusão Social (PIIS) – um conjunto de ações integradas voltadas para a inclusão social dos cidadãos daquela cidade, em todas as suas dimensões. Baseado na matricialidade e integração de suas ações (CARNEIRO, C.B.L, 2001, p. 3), o PIIS tem como núcleo central o saneamento e a urbanização de vilas e favelas (Ibidem, p. 8). Uma das favelas atendidas pelo PIIS é a Favela de Sacadura Cabral, espaço que pretendemos discutir neste estudo. Assim, importa conhecê-la mais de perto.

## 2. A Favela de Sacadura Cabral

A Favela de Sacadura Cabral localiza-se na Vila Sacadura Cabral – bairro situado na região noroeste da cidade de Santo André, na divisa com São Bernardo do Campo cujas origens remontam o ano de 1952 (data de seu loteamento) (PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ, 2009, p. 34).

O núcleo de habitações que, tempos depois, constituiu a Favela do Sacadura Cabral começou a se formar na década de 1960. No início do projeto de urbanização, em 1997, residiam no local 780 famílias, das quais cerca de 2/5 em casas de madeira, em condições bastante precárias, pois o local era constantemente assolado por enchentes, uma vez que localizado na várzea do Ribeirão dos Meninos. Estendendo-se por uma área de 42.000 m<sup>2</sup>, a Favela de Sacadura Cabral tinha uma alta densidade populacional (853 hab/ha) (SANTOS, 2002, p. 13).

<sup>5</sup> Mandato encerrado antes do tempo normal, em razão do falecimento do Prefeito Celso Daniel.

O perfil da população residente, levantado à época da urbanização (LARANJEIRA, 2003, p. 76-9) demonstra o estado de vulnerabilidade dos moradores:

a) escolaridade: 10,3% dos chefes de família eram analfabetos e 78,5% não tinham o ensino fundamental completo, 8,3% completaram o ensino fundamental e apenas 2,9% completaram o ensino médio;

b) renda: 16,8% dos chefes de família viviam sem rendimentos, 20,1% tinham renda até dois mínimos e 21,8% tinham renda entre dois e três mínimos;

c) ocupação: dentre os trabalhadores, 48,1% encontravam-se empregados, 22,1% desempregados, 18,1% trabalhando como autônomos, 8,1% vivendo “de bicos”, 3,8% aposentados e 0,2% na condição de empregadores.

As fotos a seguir exibem uma visão panorâmica da Favela de Sacadura Cabral (na época em que o processo de urbanização encontrava-se em andamento) e uma visão, em plano baixo, de uma das ruas visitadas para a elaboração deste estudo, antes da urbanização.



Fonte: Prefeitura Municipal de Santo André  
**Foto 1** Vista aérea da Favela de Sacadura Cabral [S.d.]



Fonte: BLANCO JR., 2006, p. 140  
**Foto 1** Rua Luís de Camões sem pavimentação, 1999

## A urbanização da Favela de Sacadura Cabral

As favelas, surgidas em fins do século XIX, no Rio de Janeiro, como fruto da crise

habitacional que tomava conta da Capital, deflagrada pela política sanitária de eliminação dos cortiços e pela alta concentração de soldados do Exército regressos da Campanha de Canudos (BLANCO JR., 2006, p. 12), têm a segregação em seu germe. Por conta disso, os trabalhos de urbanização das favelas – se é que assim podemos chamá-los – assemelham-se mais a processos de higienização das cidades, caracterizando-se pela remoção compulsória de populações inteiras para as periferias das cidades, localizadas, muitas vezes, a dezenas de quilômetros dos locais em que se encontravam.

Os primeiros trabalhos de urbanização de favelas com manutenção da população na área ocupada, no Rio de Janeiro, deram-se durante o governo de Negrão de Lima (1966-1971), para o que foi criada a Companhia de desenvolvimento de Comunidades (CODESCO). Na ocasião, dos três projetos inicialmente pensados, o único que se desenvolveu foi o da favela do Brás de Pina (BLANCO JR., 2006, pp. 28-30).

A urbanização da Favela de Sacadura Cabral, que constitui parte do nosso objeto de pesquisa, se enquadra nesse modelo pautado pela tentativa de preservação dos laços que a população residente nessas áreas precárias possui.

Pode-se afirmar que o processo de urbanização da Favela de Sacadura Cabral ocorreu sob os auspícios dos postulados da Geografia do Crime. Afinal, assim como a Geografia do Crime tem sua origem remota na compreensão de que as causas da violência e do crime são múltiplas e ultrapassam a figura do criminoso, a urbanização da Favela de Sacadura Cabral também se assentou na visão multidimensional, segundo a qual a exclusão social envolve “[...] fatores econômicos, sociais, urbanos, culturais e políticos, que se articulam e reforçam mutuamente.” (SANTOS, 2002, p. 8).

O projeto de urbanização de favelas em Santo André constituía a parte mais importante de um projeto maior, chamado Programa Integrado de Inclusão Social (PIIS), lançado pelo prefeito Celso Daniel (PT) em 1997 (VILAS, 2001, online), e depois denominado Santo André Mais Igual (BLANCO JR, 2006, p. 120). O pressuposto é que a urbanização de assentamentos informais promove o fortalecimento da inclusão social da população e permite que os beneficiados assumam uma nova postura de consciência e cidadania (SANTOS, 2002, p. 10).

Ao lado da urbanização, o PIIS postulava, ainda, a promoção de projetos econômicos (complementação de renda, capacitação profissional etc.) e sociais (ações de educação, saúde, combate à discriminação etc.), expressando a necessidade da integração de políticas públicas, encaradas de forma multidimensional (SANTOS, 2002, pp. 10-1).

Na esfera da urbanização, o projeto foi radical: ao invés de alterações superficiais que geralmente caracterizam esse tipo de intervenção, como asfaltamento de ruas, construção de calçadas e provimento de iluminação, o projeto promoveu mudanças profundas no arranjo urbano. Foram deslocadas 200 famílias para um conjunto habitacional próximo (cerca de 600 m) e a área alagável da favela foi aterrada, elevando-se seu nível em 2,4 m, de maneira a livrá-la dos efeitos das cheias do Ribeirão dos Meninos (SANTOS, 2002, p. 14).

Em inúmeros aspectos, o processo de urbanização da Favela de Sacadura Cabral

pode ser considerado modelo<sup>6</sup>. Sua abrangência – compreendeu obras de infra-estrutura (abastecimento de água, coleta de esgoto, energia etc.), de eliminação de situações de risco, construção de centros comunitários, praças, quadras poliesportivas etc. –, aliada à intensa participação popular na discussão do projeto e mesmo na execução de parte dele (a construção da unidade habitacional), constituem pontos não muito comuns em intervenções do poder público em assentamentos precários, como as favelas.

A participação comunitária, aliás, merece destaque em nosso estudo, pois os efeitos por ela provocados assemelham-se a um dos principais objetivos da polícia comunitária, que é incentivar a participação da comunidade local (PMESP, 1997, pp. 2-3). Nas palavras de Santos (2002, p. 30), o fato de o projeto ter na participação comunitária um de seus princípios norteadores, proporcionou o fortalecimento da organização popular e “[...] uma nova relação da população com o patrimônio e com as questões públicas, visto que os moradores assumem a condição de executores, integrando tais iniciativas ao cotidiano da comunidade como um todo.” (SANTOS, 2002, p. 30).

Diante desse quadro, seria de se esperar que o processo de urbanização da Favela de Sacadura pudesse causar efeitos em relação ao campo da segurança pública, que ultrapassassem aqueles normalmente atribuídos a ações desse tipo. A verificação dessa hipótese, que, afinal, constitui o ponto central deste estudo, é objeto do capítulo seguinte.

### **A urbanização da Favela de Sacadura Cabral como instrumento de redução do medo, da violência, do crime**

Conscientes de que, do ponto de vista de seu beneficiário – a sociedade – a segurança pública envolve valores objetivos e subjetivos, estruturamos a parte principal de nosso estudo em metodologia capaz de apreender tais valores. Assim, nossa pesquisa se dirigiu não só à obtenção de dados sobre indicadores criminais, mas, também, de relatos de pessoas envolvidas com o problema, cujas posições lhes permitissem perceber suas nuances.

Nesse sentido, entendemos adequado para os propósitos de nossa pesquisa, ouvir: a) moradores da favela; b) policiais militares; c) autoridades municipais envolvidas com o projeto.

Porém, duas circunstâncias atuaram de maneira muito forte em relação à nossa pesquisa, limitando sensivelmente a sua produção: a) o tempo relativamente longo que nos separa da época de reurbanização – fins dos anos 1990 e início dos anos 2000 –, tornando muito difícil encontrar policiais militares e autoridades municipais envolvidos com o projeto (no caso dessas últimas, o decurso de tempo foi agravado pela diferente orientação política dos que atualmente detém o Poder Executivo); b) o agravamento das

---

<sup>6</sup> O programa “Santo André Mais Igual” (SAMI) foi reconhecido e premiado por vários organismos nacionais e internacionais. Entre outras premiações, recebeu das Fundações Getúlio Vargas e Ford o ‘Prêmio Gestão Pública e Cidadania’ (2000) e foi o único projeto brasileiro escolhido, em 2001, para figurar entre as 16 melhores práticas do mundo na Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos – Istambul + 5. Recebeu, também em 2001, o Prêmio Caixa Econômica Federal de Melhores Práticas em Gestão Local. (Cf. DENALDI, 2005, p. 2).

condições de segurança na Favela de Sacadura Cabral, com o recrudescimento do tráfico de drogas, razão pela qual fomos orientados por policiais militares da 2ª Companhia (Cia) do 10º Batalhão de Polícia Militar Metropolitana (BPM/M), responsável pelo policiamento na área, a não ingressar na favela sem acompanhamento policial.

Em face desse quadro, entrevistamos três policiais militares, dois moradores e uma autoridade municipal – que, neste trabalho, em razão da necessidade de preservar suas identidades, serão identificados como: Comandante, PM A e PM B; morador A e morador B; e autoridade municipal A. O Comandante será assim designado, pois se trata de um Capitão PM que comandou 2ª Cia do 10º BPM/M durante um período posterior à urbanização. Os PM A e B pertencem, ambos, à 2ª Cia do 10º BPM/M e atuaram na Ronda Escolar na época imediatamente seguinte à urbanização. A autoridade municipal foi Secretário municipal durante a terceira gestão do prefeito Celso Daniel, iniciada em 2001 e interrompida com a sua morte, em 2002.

Feitas essas considerações a respeito da fase de levantamento de dados de nossa pesquisa, passemos ao exame das impressões que tal levantamento nos proporcionou.

1. Impressões sobre o medo, a violência e a criminalidade na Favela de Sacadura Cabral: a observação

Diversamente do que muitos pesquisadores defendem, não acreditamos na neutralidade da ciência. Acreditamos que, como toda atividade humana, a ciência é produto histórico e social e, assim, é produzida imersa nos valores sociais em cujo contexto ocorre, e nos valores pessoais de quem a produz. Pretender negar isso é incorrer naquilo que Löwi (1987) denomina “princípio do Barão de Münchhausen”, em alusão a uma passagem da obra<sup>7</sup> que relata as aventuras dessa personagem da história, na qual o barão “[...] consegue, através de um golpe genial, escapar ao pântano onde ele e seu cavalo estavam tragados, ao puxar a si próprio pelos cabelos.” (Ibidem, p. 31). Para o filósofo brasileiro, pretender que o cientista social se coloque “fora” dos fatos sociais que são objeto de sua pesquisa é pretender algo semelhante à façanha do Barão de Münchhausen.

Evidentemente que nosso reconhecimento sobre a falta de neutralidade da ciência é coisa muito diversa de condenar à ciência à incapacidade de atingir os seus propósitos. Significa, tão-só, não se deixar levar pela crença na possibilidade de alcançar conclusões livres de quaisquer condicionamentos pessoais – como se a ciência equivalesse à Razão Pura kantiana.

Feita essa ressalva, podemos dar início ao relato de nossa visita à Favela de Sacadura Cabral. Tendo em vista os conselhos dados por policiais militares que patrulham a área atualmente, abandonamos nossa intenção de lá comparecermos sozinhos e em trajes civis – condição que fatalmente me faria objeto da atenção do pessoal a serviço do tráfico, que ainda atua naquela favela. Dessa forma, comparecemos fardados e conduzidos por uma viatura da Polícia Militar – condição que, longe de ser a melhor para uma

---

<sup>7</sup> Referimo-nos ao livro *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, escrito por Rudolph Erich Raspe e publicado em Londres em 1785. No Brasil, a obra foi traduzida, entre outros, por Origenes Lessa e publicada pela Ediouro (ISBN: 8500716835).

pesquisa como a ora relatada, era a única viável.

Durante o breve reconhecimento do local, foi possível perceber que, a despeito da urbanização de que foi objeto, a favela ainda guarda feições perturbadoras e ameaçadoras. Ainda estão ali as paredes sem reboco, as vielas estreitas, o emaranhado de fios provocados por instalações precárias – e alguns “gatos” –, as carcaças de veículos abandonados, enfim, quase todos os ingredientes que encontramos na literatura que trata daquilo que Tuan (2005) incluiu entre as Paisagens do Medo<sup>8</sup>. A imagem a seguir expressa bem o que falamos:



**Foto 2** Detalhe das construções e equipamentos urbanos da Favela de Sacadura Cabral (vista da Rua Luís de Camões), 2011



**Foto 3** Detalhe da Favela de Sacadura Cabral (Rua Luís de Camões), 2011

---

<sup>8</sup> “É uma profunda ironia que freqüentemente a cidade possa parecer um lugar assustador. Construída para corrigir a aparente confusão e o caos da natureza, a cidade em si mesma se transforma em um meio ambiente físico desorientador, no qual os prédios desabam sobre seus habitantes, ocorrem incêndios e o trânsito ameaça a vida e mutila as pessoas.” (TUAN, 2005, pp. 233-34).

Apesar da desordem urbana que ainda caracteriza a Favela de Sacadura Cabral, pudemos perceber na atitude dos moradores uma tranquilidade insuspeita, que não combina com o medo ou a opressão pela violência. A exceção ficava por conta daqueles claramente envolvidos no tráfico de drogas que ainda viceja naquele espaço, que nos olhavam com um misto de curiosidade, temor e desconfiança.



**Foto 4** Moradores da Favela de Sacadura Cabral, em atitude de absoluta tranquilidade, semelhante a de cidades do Interior, 2011



**Foto 5** Favela de Sacadura Cabral, vista do local em que, segundo policiais militares do 10º BPM/M, ocorre tráfico de drogas

No final das contas, pudemos perceber que a intranquilidade de que fomos tomados quando do ingresso da favela era produto muito mais das circunstâncias que cercaram esse ingresso – alerta dos policiais militares locais, uso de viatura, uso de armamento etc. – do que, propriamente, fruto daquilo que tocava nossas retinas. É

evidente que a paisagem urbana exibida nas fotos acima não revela apuro estético e transmite desordem e, assim, certa intransigibilidade. Todavia, nelas também vemos árvores e arbustos plantados com intuito paisagístico (foto 5), fachadas que, lá no fundo, buscam cumprir uma finalidade estética (foto 4), além do mais importante: pessoas vivendo suas vidas sem qualquer sinal de temor (fotos 3 e 4).

É esse “segundo olhar” que nos permite compreender melhor as impressões deixadas pelas entrevistas com os moradores, sobre o que falaremos a seguir.

## 2. Impressões sobre o medo, a violência e a criminalidade na Favela de Sacadura Cabral: as entrevistas

Por óbvio, as entrevistas com os moradores são as que melhor expressam o que pretendemos investigar: o medo, a violência e a criminalidade na Favela de Sacadura. Afinal, são eles que vivem o cotidiano daquele espaço, e o fazem despidos, no mais das vezes, de qualquer condicionamento que possa contaminar suas opiniões sobre os aspectos que indicamos. Para sermos justos do ponto de vista científico, é preciso convir que, no caso dos moradores, essa opinião pode sofrer um condicionamento às avessas: acostumados com o quadro que diariamente veem, já não o tomam por anormal.

Porém, essa é uma limitação intransponível, cuja remoção, a rigor, não pode ser pretendida pelo cientista – e, talvez, por ninguém mais além dos próprios moradores de cada espaço. Afinal, a ciência não é um fim em si mesmo, senão em função de um bem humano, querido e desejado por aqueles a quem ela se dirige.

Essas considerações vêm bem a propósito das opiniões que colhemos durante as conversas que tivemos com moradores da Favela de Sacadura Cabral – as informais e as formais, reduzidas em entrevistas gravadas.

De uma forma geral, todos concordam que os dias de hoje são muito mais tranquilos do que aqueles vividos antes da urbanização. O morador A reside na Favela de Sacadura Cabral há 42 anos e demonstra desenvoltura quando perguntado sobre medo e violência:

-Com relação à segurança: o senhor se sente mais seguro hoje em dia?  
-Sim. -É? -É, porque que nem o que eu acabei de falar: isso aqui antigamente era difícil de passar, quando era barro; hoje não, nós tem a ... se a polícia não tem bom motorista um bate no outro, né? Entendeu? É... mais seguro [inaudível]... Eu mesmo, eu... pode vir uns trinta carro de policial [inaudível]... A nossa favela modificou não mil por cento, não pode falar que é mil por cento. Cem mil por cento (sic), vamos falar assim, do que era, para o que é hoje: nós tem asfalto, nós tem rua oficial, nós tem asfalto, nós tem a casinha malfeita, torta, ou aleijada, ou certa, mas é de bloco, água oficial, telefone oficial, nós tem tudo, [inaudível] , nós tem tudo aqui, não aproveita disso aqui quem não quer...

Veja-se que, embora perguntado sobre segurança, o morador A aludiu a aspectos não diretamente associados a esse valor, como o fato de ter asfalto, casa (mesmo torta, como disse), água “oficial” etc. Para nós, sua fala apenas reforça o valor que a questão espacial possui na construção da sensação de segurança (ou de insegurança). Ou seja,

apesar de ainda haver crime à sua porta<sup>9</sup>, ele se sente seguro.

Essa aparente ambiguidade é vista, de forma mais nítida, nas palavras de outro morador (morador B), residente na favela há 32 anos. Quando perguntado diretamente sobre o crime, demonstrou bastante desconforto, chegando mesmo a silenciar; porém, convidado na sequência a responder sobre como se sentia agora, em comparação com a época anterior à urbanização, respondeu convicto que achava agora melhor, expondo como justificativas para o seu sentimento o fato de ter casa e trabalho:

[...]- me diga uma coisa: naquela época, quando a favela não estava ainda reurbanizada, havia muitos crimes aqui na região?-Não, quase a mesma coisa, assim, melhorou mais, mas naquele tempo...[hesitando, demonstrando desconforto] não dá para falar a respeito disso aí... é quase a mesma coisa, assim(...). -E a sensação que o senhor tem, naquela época e agora (...). -Agora eu acho melhor! -O senhor acha melhor? Mesmo não tendo tanta variação de crime (...). -É, eu me sinto mais bem, tenho uma casa mais melhor, também (...). -Naquela época o senhor sentia mais medo? -É, um pouco, né? -Agora, qual (...). -Hoje eu não tenho medo de nada, não, to sossegado... trabalho bem... toda vida trabalhei, né?, mas ...

O testemunho dos policiais militares ouvidos não contradiz nenhuma das impressões deixadas pela fala dos moradores; antes, reforça várias delas. Assim, a ideia de melhora nas condições gerais de segurança foi afirmada por todos os policiais militares ouvidos. O Comandante, que como morador da cidade conhecia a favela antes a urbanização, assim se expressou:

-Durante o tempo em que você esteve aqui, você conseguiu perceber mudanças em relação à vida das pessoas, sobretudo na esfera da segurança pública, que poderiam ser associadas ao projeto? -Sim, nisso eu posso ajudar. Eu já morava aqui, nasci aqui na área e conhecia a favela antes da urbanização, e depois da urbanização, quando eu passei a comandar a companhia. Então o processo melhorou muito. Antes eram ruas de terra batida etc., hoje são todas asfaltadas; todas as entradas e saídas já foram planejadas dentro do possível, né? Então melhorou bastante na parte de urbanização. Foi criado ali os predinhos do corintinhas, que movimentou uma certa parte da favela, de madeira, tudo, para essa urbanização de prédios, tipo COHAB. -E você percebeu mudanças nos níveis de violência e crime? -Sim, melhorou também, porque a fiscalização passou a ser maior na parte de bares; para a polícia militar o patrulhamento ficou mais fácil; tendo essas ruas abertas, melhor patrulhamento etc. -E essas variações dos níveis de violência e crime chegaram a ser quantificadas ou foiçaram apenas na esfera da percepção? -É, na minha, percepção...

No nosso sentir, ficam bastante claros na fala do Comandante, os efeitos que a paisagem exerce sobre a sensação de medo e segurança: sem ter conhecido de dentro a Favela de Sacadura Cabral antes da urbanização, ele se considerou em condições de

---

<sup>9</sup> O ponto de venda de drogas exibido na foto 5 fica a cerca de 100 m do bar cujo dono é o morador A.

expressar, com firmeza, a elevação do nível de segurança naquele espaço. Porém, ao fazê-lo, demonstrou que sua ideia de segurança se lastreia, sobretudo, na possibilidade de atuação da polícia.

Observamos fato semelhante no depoimento do PM A, integrante da 2ª Cia do 10º BPM/M desde 2001 e que, entre 2004 e 2009, atuou na Ronda Escolar, período durante o qual teve contato direto com inúmeras crianças residentes na Favela de Sacadura Cabral. Portanto, o contato que ele teve com a favela no pós-urbanização foi limitado e imediato. Nem por isso deixou de responder quando perguntado sobre o comportamento da comunidade em face da urbanização. Sua resposta, contudo, sugere muito mais uma adivinhação do que, propriamente, uma opinião baseada em conhecimento dos fatos:

-Agora, no que diz respeito à comunidade, ao comportamento da comunidade, àquilo que a comunidade demonstra: você notou alguma mudança em face desse processo de urbanização? As pessoas expressavam para você algum sentimento diferente? -Sim, eu acho que eles ficaram mais felizes, né?, porque a situação que era rua de barro...o pessoal teve... a prefeitura foi lá e asfaltou, tudo, teve... uma melhora sim. Agora, a questão da polícia, acho que está piorando a nossa situação lá. - No momento da transição, em que a favela abandonou aquele estado de completo abandono e começou a ser olhada pelo poder público de uma forma diferenciada. Você conseguiu perceber mudanças nos níveis de violência e criminalidade? -Eu consigo ver, sim, consigo ver que é... melhorou, mas a tendência é aumentar essa violência. Não sei se é devido à nossa sociedade, ou é um fato isolado, mas ela tem aumentado e ela fica na periferia, entende?, ela fica na periferia, entendeu?, ela fica ali na periferia, porque tem a faculdade, tem grande movimentação de carro ali devido ao trânsito, então eu percebo que há um aumento, sim...

A fala do PM A revela, ainda, uma alta dose de preconceito – no sentido neutro da palavra. Veja-se que, baseado em raciocínios em parte apoiados em evidências científicas, em parte insuflados pela repetição diuturna de lugares-comuns que habitam o nosso cotidiano, principalmente a mídia – a nossa sociedade está mais violenta, a violência fica na periferia... – ele vaticina uma tendência de aumento da violência naquele local – mesmo sem conhecê-lo com a profundidade que a certeza de suas opiniões sugere.

A opinião do PM A sobre os níveis de violência e crime também decorre, em larga medida, do julgamento que ele faz sobre as capacidades de a Polícia Militar fazer frente a tais problemas – um quase “pê-eme-centrismo”. Vejamos:

-Você mencionou que lá era tudo barraco e hoje a gente observa algumas alterações. Na sua opinião, a partir do seu ponto de vista, que mudanças você percebeu em decorrência desse processo de urbanização? -Houve um pico... era muito ruim a situação da polícia militar com a comunidade, com exceção da polícia... no caso da polícia, da ronda escolar, da base comunitária, houve uma melhora que eu posso dizer de 100%, a ponto das crianças que estão passando ali com as mães e os pais falarem: ‘aquele é’ – chamarem pelo nome – ‘aquele ali é o fulano de tal, dá aula de ronda escolar, dá aula de PROERD’; e eu vi que, com a decadência do sistema ali da base – os policiais foram sendo transferidos – eu achei que

eles estão vendo a gente de novo com outros olhos, assim, tá aumentando a violência, to achando que tá ficando pior de novo, tá muito ruim.

Nesse ponto, sua fala converge com a do Comandante, que, ao discorrer sobre os níveis de violência e crime, disse ter notado melhora porque “[...] a fiscalização passou a ser maior na parte de bares; para a polícia militar o patrulhamento ficou mais fácil; tendo essas ruas abertas, melhor patrulhamento etc.”

Semelhante característica apresenta o PM B, que até hoje continua a atuar na Ronda Escolar (iniciou em 2003). Para ela, as condições de vida das pessoas também são deduzidas do sentimento que ela possui sobre o seu próprio trabalho:

Você que, trabalhando na Ronda Escolar, tinha um contato bastante próximo com as pessoas. No que diz respeito ao comportamento, no que diz respeito ao sentimento dessas pessoas, você tem algo a relatar em relação a possíveis mudanças que esses sentimentos, esses comportamentos puderam ter em função do processo de reurbanização? -É, no trabalho da Ronda Escolar, as escolas que a gente faz parte, a gente faz as rondas, a maioria das crianças são daquela comunidade e a visão que eles tinham da gente antes desse contato mais íntimo, de Ronda escolar, de polícia comunitária, era uma visão bem ruim. A polícia era tirada como opressiva, só entrava na favela para derrubar barraco... Aí com o tempo, com o nosso trabalho, com a nossa... com o nosso feeling, né?, com as crianças, principalmente, foi mudando, teve uma mudança muito boa, a ponto de eles chamarem a gente pelo nome, os pais desses alunos também fazerem contato com a gente na rua, na reunião de pais... (destaque nosso).

A fala dos policiais militares revela certa distância em relação à comunidade da Favela. Trata-se de uma impressão sugerida não só pelas entrevistas gravadas, mas por conversas travadas com outros policiais. Sua confirmação e sua explicação devem merecer uma investigação adequada, que não faz parte de nosso objeto de estudo. Todavia, acreditamos que uma das prováveis causas está na ausência de integração entre a Prefeitura de Santo André e a Polícia Militar, por ocasião do processo de urbanização da Favela de Sacadura Cabral. Assim o diz a Autoridade municipal:

Paralelamente, a Secretaria de Inclusão Social começou a fazer um trabalho de inclusão social naquela favela, só que, em momento nenhum, em momento nenhum, falaram de segurança; em momento nenhum, chamaram a polícia militar, chamaram a base comunitária para fazer... Então, criaram um projeto com viés ideológico forte, com total hostilização à polícia militar. Ou seja, o que separa a base comunitária do projeto – o principal projeto de inclusão social da prefeitura na época, que era a favela Sacadura Cabral – separava vinte metros físicos e mil quilômetros ideológicos, morais...

Creemos não haver dúvida de que os testemunhos colhidos e aqui resumidos são capazes de nos permitir a construção de um quadro sobre a violência e o medo na Favela de Sacadura Cabral após a urbanização. Porém, uma análise mais apurada reclama a

existência de parâmetros mais objetivos. Daí porque incluímos em nossa proposta a intenção de trabalhar também com os indicadores de criminalidade do local estudado.

Para tanto, optamos pelo Infocrim – o Sistema de Informações Criminais da Secretaria de Segurança Pública (SSP/SP) – por se tratar do sistema que congrega as estatísticas oficiais da SSP. Todavia, esbarramos aqui em dificuldade insuperável: a intensa fragilidade dos dados, explicada pelos seguintes fatores:

a) o Infocrim foi implantado em 1999 – portanto, não seria capaz de expor os dados referentes ao período anterior à urbanização;

b) a necessidade de trabalhar com dados referentes ao local pesquisado e suas adjacências exigiu que elaborássemos o levantamento a partir dos logradouros da favela; porém, antes da urbanização, a maior parte dos logradouros da favela não era cadastrada – e, assim, não aparece nos registros oficiais.

O retrato desse quadro pode ser constatado na Tabela 2:

**Tabela 2** Homicídios dolosos nos principais logradouros da Favela do Sacadura Cabral, Santo André-SP, 2000-2011

Logradouros	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
Rua Júlio Ribeiro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Rua Manuel Esteves	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Rua Fernando de Noronha	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Rua Cantagalo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Rua Lívio dos Santos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Rua Luís de Camões	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	3
Rua Maquiavel	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
<b>Total</b>	0	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	4

Fonte: Infocrim

Diante disso, restou clara a impossibilidade de elaborar qualquer análise consistente sobre dados objetivos, pois a necessária objetividade inexistia. A despeito disso, acreditamos que as percepções colhidas ao longo da pesquisa são suficientes para a construção de uma imagem consistente daquilo que pretendemos investigar.

### Considerações finais

Em que pese a inexistência de dados objetivos capazes de demonstrar a queda dos indicadores criminais na Favela de Sacadura Cabral, após a sua urbanização, não nos parece frustrada a hipótese levantada no início deste estudo. Pelo contrário, a verdade contida na fala das pessoas ouvidas permite afirmar ter havido, de fato, uma redução do medo sofrido pelos moradores da mencionada favela.

Por outro lado, não significa que houve redução do crime ou mesmo da violência. Daí ser possível afirmar, que nem sempre medo, violência e crime caminham juntos. Pensamos que a realidade vivida e testemunhada pelo morador A explicita isso com muita clareza: ainda que residindo a cerca de 100m de um ponto de tráfico de drogas, ele se considera seguro.

A despeito da amostragem reduzida desse estudo, emergiu com força a impressão de que as condições relacionadas ao cotidiano e à subsistência das pessoas – entre o que situamos a moradia, a saúde e o emprego – têm um peso, no que diz respeito à causação do medo, maior do que o decorrente do conhecimento da prática de crimes no espaço dessa convivência – ao menos quando tais crimes são praticados sem violência (como é o caso da venda de drogas<sup>10</sup>).

Também pudemos constatar algo que já nos parecia evidente: não existe unanimidade sobre o que se possa considerar “Paisagem do Medo”. Com efeito, a paisagem que, para nós, traduzia desordem e caos e, por isso, gerava insegurança, era percebida pelos moradores como suscetível de causar segurança.

Diante de tudo o que dissemos, parece-nos evidente a necessidade de a Polícia Militar estreitar cada vez mais os laços com a comunidade, de maneira a ser capaz de captar as suas impressões mais sutis. Sim, porque se é verdade que a tarefa da Polícia Militar pode ser traduzida como “proteger as pessoas”, também é verdade que essa sentença se traduz de maneiras não uniformes.

Outra necessidade que emerge deste estudo – ainda que não relacionada diretamente com o seu objeto – diz respeito às relações entre a Polícia Militar e as prefeituras municipais. Vimos que a ausência de diálogo entre a PM e a Prefeitura de Santo André impediu que o projeto de urbanização da Favela de Sacadura Cabral pudesse ser ainda mais capaz de proporcionar aos moradores daquele espaço a segurança que merecem.

Só assim, mediante a integração de todos, será possível alcançarmos êxito na cada vez mais difícil tarefa de proteger as pessoas.

### Referências bibliográficas:

- ADORNO, Sérgio. **Exclusão socioeconômica e violência urbana**. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 4., n. 8, jul./dez. 2002, pp. 84-135.
- BLANCO JR., Cid. **As transformações nas políticas habitacionais brasileiras nos anos 1990: o caso do Programa Integrado de Inclusão Social da Prefeitura de Santo André**. Dissertação (Mestrado)-Escola de Engenharia de São Carlos-Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2003.
- COELHO, Edmundo Campos. **A oficina do diabo e outros estudos sobre a criminalidade**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- DA MATTA, Roberto et ali. **Violência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DENALDI, Rosana. **Intervenção Municipal em favelas: aprimoramentos e limitações**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-

---

<sup>10</sup> Referimo-nos, obviamente, ao que parece ser a realidade do ponto de venda de drogas próximo ao bar do morador A. Não desconhecemos a muitas vezes incrível violência que cerca o tráfico de drogas, de uma forma geral.

GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (ANPUR), 11., Salvador, 23-27 mai. 2005. Disponível em: <<http://ja.lc/12o>>. Acesso em: 02 out. 2011.

FELIX, Sueli Andruccioli. **Geografia do crime: análise dos espaços de crimes, criminosos e das condições de vida da população de Marília-SP**. Relatório Científico. Departamento de Ciências Políticas e Econômicas-Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), Marília, 2001.

\_\_. **Geografia do crime: interdisciplinaridades e relevâncias**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2002.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Perfil Municipal de Santo André**. São Paulo: SEADE, 2011. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>>. Acesso em: 02 out. 2011.

HUGHES, Pedro Javier Aguerre. **Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas**. In: São Paulo em perspectiva, vol.18, n.4, 2004, pp. 93-102.

KAHN, Tulio. **Variação dos crimes contra o patrimônio puxam alta da criminalidade no Estado**. Blog do Tulio Kahn, 16 abr. 2011. Disponível em: <<http://tuliokahn.blogspot.com/2011/04/variacao-dos-crimes-contra-o-patrimonio.html>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

LÖWI, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. Tradução Juarez Guimarães e Suzanne Felicie Léwy. São Paulo: Busca Vida, 1987.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo, online, 1995. Disponível em: <<http://goo.gl/Yi3fd>>. Acesso em: 10 out. 2011.

MOLINA, Antonio García-Pablos de; GOMES, Luiz Flávio. **Criminologia: introdução a seus fundamentos teóricos: introdução às bases criminológicas da Lei 9.099/95, lei dos juizados especiais criminais**. 4. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: RT, 2002.

OLIVEIRA, Carmem Silveira de. **Violência e cidade: existiria uma Geografia do crime**. In: O público e o privado, Porto Alegre, n. 4, jul./dez. 2004, pp. 87-101.

PMESP. Comando Geral. **Nota de Instrução nº PM3-004/02/97. Regula a implantação do policiamento comunitário como filosofia e estratégia organizacional**. São Paulo, 10 dez. 1997. Disponível em: <<http://www.intranet.polmil.sp.gov.br/organizacao/unidades/3empm/index2.html>>. Acesso em: 04 out. 2011.

PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ. **Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho> Departamento de Indicadores Sociais e Econômicos**. Anuário de Santo André 2009: ano base 2008. Santo André, SP, 2009. Disponível em: <<http://ja.lc/12c>>. Acesso em: 02 out. 2011.

\_\_. **Sumário de dados 2007: Santo André: ano base 2006**. Santo André, SP, 2007. Disponível em: <<http://ja.lc/12a>>. Acesso em: 02 out. 2011.

RINALDI, Alessandra de Andrade. **Marginais, delinquentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da cidade do Rio de Janeiro**. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). Um século de favela. 2. ed. São Paulo: FGV, 1999, pp. 299-322.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. **SACADURA: urbanização de favelas em**

**Santo André.** Supervisão de Marlene Fernandes. Coordenação de Carlos Alberto Silva Arruda. Rio de Janeiro: IBAM/CEF, 2002.

SÃO PAULO (Estado). **Projeto de Lei nº 771, de 15 de agosto de 2011. Institui o Plano Plurianual - PPA para o quadriênio 2012-2015.** São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://ja.lc/12b>>. Acesso em: 10 out. 2011.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do Medo.** Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.

VILAS, Juliana. **Saindo do barraco.** Isto é, [S.l.], n. 1669, 26 set. 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/Y0BHt>>. Acesso em: 04 out. 2011.

ZALUAR, Alba. **Crime, medo e política.** In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). Um século de favela. 2. ed. São Paulo: FGV, 1999, pp. 209-232.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). **Um século de favela.** 2. ed. São Paulo: FGV, 1999.